Elvira Tagã
Revelações

Silvia Paes

R. V. AMADO JÚNIOR

Revelações

ELVIRA PAGÃ

R. V. AMADO JÚNIOR

Revelações

Rio de Janeiro

1944

Meus Leitores

Êste livro tem uma história.

A idéia de sua publicação nasceu de repente. Mas as bôas idéias nascem sempre repentinamente.

Há dois meses se alguem me perguntasse: "Elvira, você vai escrever um livro?" eu teria tido uma grande surpresa com a pergunta. Escrever um livro? Porque, francamente, poderia ter pensado em tudo, menos nisso...

Entretanto o livro está aquí!

As cousas mais imprevistas me acontecem.

Comecei a cantar, sem nunca ter imaginado ser cantora.

Tornei-me artista de um dia para outro, quase sem saber.

Casei-me sem pensar. Digo isso sem fazer parodoxo...

Quando menos esperava encontrei-me, um dia, novamente livre. Hoje faço outra cousa em que jamais havia cuidado: publico um livro.

O aparecimento dêste livro marca o instante mais feliz de minha existência. Sinto-me realmente muito alegre em retornar à atividade artística.

Que saudades eu tinha do público e de seus aplausos!

E que satisfação interior me domina neste momento quando posso dizer.:

— Eu sou eu! Sou livre e independente. Canto e vivo!

Aqueles que só conhecem a artista, vão conhecer, um pouco, a mulher. A mulher que sente, vibra e ama. Vou contar alguns episódios de minha história.

Vão vêr como sinto, vivo e amo, à minha maneira!

R. V. AMADO JÚNIOR

1.ª Parte

Sou paulista. Nasci em Itararé no dia 6 de setembro, na fazenda de meu avô materno. Quando eu tinha dois anos de idade minha família mudou-se para São Paulo. Aos quatro anos vim para o Rio. Eramos três irmãs e minha mãe. Aquí nos fixamos. Aquí tenho vivido até hoje. Gosto imensamente desta terra e acredito que, fora do Rio, não poderia ser feliz.

Meus estudos foram feitos em colégios de freiras, aonde estivemos internadas eu e Rosina. Primeiro na Imaculada Conceição. Depois no São Marcelo.

Lembro-me perfeitamente de minha meninice. Guardo uma impressão muito viva de tudo que aconteceu comigo e há fatos de que me recordo tão bem e com tal abundância de detalhes que é como se tivessem ocorrido ontem ou hoje de manhã.

No Colégio da Imaculada Conceição fiz a minha primeira comunhão. Confessava e comungava todos os dias. Era estu-

diosa e aplicada. Rezava muito e já naquela época tinha o hábito de ficar horas e horas deitada em minha cama pensando cousas e fazendo castelos. Foi alí que me habituei a sonhar acordada, o que faço ainda hoje. No fundo sou aquela mesma menina de antigamente.

Quando saí da Imaculada Conceição entrei no Colégio São Marcelo. Rosina e eu cantavamos no côro, mas nunca pensamos que pudéssemos, um dia, nos tornar cantoras. Na Imaculada Conceição deu-se um fato curioso comigo. Lá começaram a me assaltar as minhas primeiras dúvidas em matéria de religião. Meditava longamente sôbre os fatos narrados na Bíblia e no Novo Testamento. Foi a minha primeira afirmação de personalidade aos 13 anos. Vivia no meio de freiras, sem qualquer espécie de contacto com o mundo exterior, e tôdas as meninas eram profundamente religiosas e crentes. Entretanto, no meu espírito, apresentavam-se dúvidas angustiosas. Sem querer começava a descrer. Concientemente queria acreditar em tudo que as freiras contavam e os livros sagrados diziam. Mas não sei porque me encontrava a cada passo murmurando a mim mesma : Não, isso não é possível. O raciocínio começava a prevalecer sôbre a fé.

Quando saí do Colégio São Marcelo, matriculei-me na Escola Remington. Poucas pessôas sabem ou se recordam disto: sou esteno-dactilógrafa diplomada. Em vez de ser artista, poderia estar hoje num escritório comercial ou numa repartição pública batendo na máquina. Mas o nosso destino não somos nós que o traçámos. Estava escrito que faria o curso de estenografia e nunca me serviria da profissão. De fato assim sucedeu. A Escola Remington era para mim um ambiente inteiramente novo. Que diferença entre o nosso curso e o regime do colégio! Como tudo, entre as quatro paredes da Escola, me parecia diferente. Fiz os meus primeiros conhecimentos. Comecei a ter relações. A vida se iniciara para mim.

Um dia, Rosina e eu fomos apresentadas aos rapazes do Bando da Lua. Começamos a conhecer gente de rádio. O rádio brasileiro ensaiava então os seus primeiros passos. Estava longe de ser o que é hoje. Em casa, à noite, davamos pequenas festas. Brincavamos de cantar. Mas ainda não tinha tido a idéia de que pudesse ser cantora ou de que viesse a entrar para alguma estação.

Data dessa época uma festa de São João realizada no Iate Clube Fluminense. Rosina e eu cantávamos num cordão como todos os que estavam alí. Mas são destas cousas : entre dezenas de meninas que gritavam e cantarolavam, Paulo Bevilacqua notou a nossa voz. Fiquei muito surpresa quando êle nos convidou a visitar a Rádio Cajutí. Aceitamos o convite por curiosidade e brincadeira. E no dia seguinte fomos lá, às escondidas, porque a minha mãe podia não gostar e nos prender. Vimos, pela primeira vez, os Anjos do Inferno. Disseram-nos :

— Cante comnosco !

— Cante o que ?

— Cante o que estamos cantando.

Achavamos aquilo tudo divertidíssimo. Cantamos. Cantamos e rimos muito. Alguns dias depois realizava-se a inauguração do Cinema Ipanema. Perguntaram-nos :

— Vocês querem cantar em nosso número ?

— Pode ser !

Naquela noite cantamos no Ipanema. A sala estava cheia e nós duas com um grande mèdo de que Mamãe pudesse vir a saber de tudo e interromper a nossa aventura.

O meio de rádio começava a nos agradar. Tudo tão simples. Tudo tão facil. Gente tão alegre e tão bôa!

No dia seguinte, na Cajutí, nos disseram:

— Vocês hoje, cantarão aquí no nosso microfone.

— Está bem, cantaremos!

Começamos a combinar o programa.

— E se Mamãe ouvir?

— Ela não reconhecerá a voz das duas cantando juntas.

Falando comigo mesma eu pensava: Mamãe pode nos reconhecer... Mas Mamãe não ouve rádio... Mas alguem pode contar... Mas Mamãe não conhece nenhum artista. A um argumento contra, eu dava um a favor. E a um argumento a favor, eu dava um argumento contra. A hora de nós cantarmos aproximava-se celeremente. Já estamos no estúdio. Dentro em pouco estaremos no microfone. Nisto o "speaker" nos fez uma pergunta em que ainda não haviamos pensado:

— Com que nome deveremos anunciá-las?

É mesmo! Não tinhamos cuidado dêsse pormenor importante. Com os nossos nomes reais, não poderia ser por

causa de Mamãe. Então com que nome? O "speaker" já estava no seu posto e nada tinhamos ainda resolvido.

— Amigos, ouvintes, agora vão cantar...

Foi uma cena muito rápida e muito interessante. Nós tremiamos.

— Não diga o nosso nome.

O "speaker" nos olhava interrogativamente. Estavamos anciosas e aflitas. Meu Deus, que iria suceder? E o "speaker" numa improvisação salvadora:

— Agora vão ouvir as Irmãs Pagãs. Porque elas não têm nome e portanto são... pagãs...

Respiramos aliviadas. Fomos ao microfone e cantamos. Estava feita a nossa estréia!

Quando acabamos, todos nos abraçaram:

— Vocês cantaram otimamente! Vocês são explêndidas! Vocês são formidáveis!

Nessa noite não dormimos. Conversamos e cochichamos até o amanhecer. Que grande noite! Que passo que tinhamos dado! E agora que iriamos fazer? E quando Mamãe soubesse? Como seria, como não seria? Pensavamos um mundo de cousas e faziamos um milhão de conjecturas.

No dia seguinte encontramos César Ladeira. Ouvira o nosso programa e sabia de tudo. Ofereceu-nos um contrato na Mairinck Veiga. Era chegada finalmente a hora decisiva. A sorte estava lançada e não podiamos mais retroceder. Fomos conversar com Mamãe. Nem sabiamos como começar. Que conversa dificil! Afinal, com muito geito, fomos contando tudo. Ela caía de surpresa em surpresa. A princípio, revoltou-se e disse-nos que não cantariamos. Continuamos a falar. Explicamos que não havia nada de mal. O rádio era uma profissão nova. Tinhamos bôa voz e não deviamos repelir a sorte que se apresentava diante de nós. Palavra vai, palavra vem, e Mamãe acabou, a contragosto, dando licença.

Estreiamos com sucesso na Mairinck.

Agora eramos artistas de fato.

Poucos dias depois fomos a uma festa do Tijuca. Cantamos e fomos muito aplaudidas. Ofereceram-nos uma linda corbeile de flores. E foi então que Heitor Beltrão teve a idéia de nos batisar...

— Batisar como?

— Vocês não têm nome. Precisam de um. Vão ser batisadas.

— Mas onde ?

— Aquí no palco.

— Com que água ?

— Com a água das flores da corbeile.

— E com que nome ?

— Isso é o que vamos vêr.

Começamos a pensar em vários nomes. Nenhum servia. Um não era sonoro. Êsse é muito feio. Aquêle é antipático... Heitor Beltrão disse-nos então :

— Deixem isso comigo.

Ficamos sem saber o que dizer. Mas Heitor Beltrão chegou no palco e disse calmamente :

— Vamos batisar estas duas jovens que não têm nome.

Pegou numa rosa. Salpicou-nos água na cabeça.

— São as Irmãs Pagãs.

O nome ficara mesmo êsse.

Palmas.

Cantamos.

Nunca esquecerei as emoções inefaveis dessa noite encantadora.

Que cousa agradavel é o sucesso! Que alegria nos dá o aplauso do público. Como é bom a gente receber palmas!

Alguns anos mais tarde, quando me retirei da vida artística, senti bem a nostalgia e a saudade de não ser mais aplaudida. Não me sentia mais a mesma. Estava tão habituada aos aplausos que êles faziam parte de minha vida. Não. Não poderia viver sem êles. Teria de voltar. E voltei.

Antes de passar a outra série de considerações, vou contar ainda um episódio ligado à nossa estréia.

Quando começamos a cantar, o Bando da Lua estava na Argentina. Já disse que os rapazes eram nossos amigos e iam lá em casa. À noite conversavamos quando um deles se saiu com esta:

— Se contratassemos as Irmãs Pagãs!

E virando-se para nós, perguntou:

— Vocês já ouviram as Irmãs Pagãs? Gostaram delas?

Respondemos com uma gargalhada.

Êles se entreolharam, surpresos. Porque estavamos rindo? E foi um custo para convencê-los que nós é que eramos

as Irmãs Pagãs. Não havia geito de quererem acreditar. Alguns dias depois estreiavamos com o Bando da Lua, cantando no Cinema Glória. O mais é conhecido. Fizemos uma carreira de que nos podemos justamente envaidecer. A dupla das Irmãs Pagãs só teve sucessos. E foi em pleno êxito que, por uma dêsses caprichos do destino, ela se dissolveu.

Porque se dissolveu a dupla?

É uma outra história.

Já que estou abrindo a minha alma, vou contá-la. É possível que não diga tudo. Direi, porém, o essencial para que esta confissão seja tanto quanto possível completa.

*

* *

A dupla foi dissolvida, em pleno êxito, como já disse, em virtude de meu casamento. Ganhava muito e vivia satisfeita.

Cheguei agora ao ponto mais delicado desta história simples e despretenciosa como eu própria.

Porque me casei?

Nunca fiz a mim mesma uma pergunta que logo não encontrasse uma resposta esclarecedora. É a primeira vez que me acontece não me dar uma explicação que me satisfaça a respeito de um ato que pratiquei. Na verdade várias vezes me perguntei porque havia casado. E não tive resposta. Ainda hoje me pergunto: Porque casei? E de novo não sei responder.

Assim se o meu casamento foi uma surpresa para todo mundo, foi uma surpresa ainda maior para mim própria.

A cerimônia de meu enlace matrimonial teve lugar no México no dia 11 de janeiro de 1941. Casei-me no civil e no religioso em regime de separação de bens. Era ainda muito jovem. A solenidade religiosa realizou-se na Catedral da linda e pitoresca capital mexicana, de que guardo tantas recordações agradáveis. Trajava um belo vestido côr de rosa. Entrei na igreja ao som da marcha nupcial. Não sei qual era naquela ocasião a minha expressão. Tudo me pareceu muito rápido. Depois do casamento houve uma festa e no mesmo dia segui para a praia de Acapulco, na orla do Pacífico.

Passarei por êstes três anos de mulher casada porque não gosto de evocar as cousas que não me agradam. Direi,

porém, que tive uma satisfação imensa no dia que me foi possível ir ao fôro e assinar a minha petição de desquite. Estava nesse dia muito mais alegre e satisfeita do que no dia de meu casamento. Quando saí, respirei aliviada. Que bom! Estava livre! Sentia-me, de novo, dona de mim mesma. Agora eu era eu. A escrava conquistara a sua liberdade. Várias vezes tenho lido e relido aquele registo simples que o "Diário Oficial" publicou em sua edição de 19 de abril de 1944:

> "Quarta Câmara. N.º 3.887. Relator: o sr. Dezembargador E. O. Figueira; apelante, o juízo da 1.ª Vara de Família. Apelados:" etc.

Era a homologação amigável de nosso desquite.

Poucas linhas, não é? Mas essas poucas linhas significam nada mais, nada menos que a liberdade de uma criatura humana.

Porque me separei?

Por tudo.

Entretanto poderei aduzir ainda algumas considerações. Quando uma mulher se casa e se pergunta a si mesma porque

casou, é porque êsse casamento não se devia ter realizado. Mas se o êrro foi cometido, está claro que o essencial era repará-lo. Porque me separei? Se não me sentia feliz porque haveria de permanecer nessa situação quando estava em minhas próprias mãos dar-lhe um remédio?

Foi o que fiz.

Casei sem pensar. Ou casei porque não pensei.

Agora digo: desquitei-me porque pensei.

Só não compreendo uma cousa: porque levei casada tanto tempo. Foram três anos de vida que perdi. Mas não vale a pena a gente pensar nos males que passaram. Hoje sinto-me feliz. É tudo.

*

* *

Vou atender agora à curiosidade de um grande número de pessôas que me escrevem perguntando cousas a meu respeito e de outras tantas pessôas que pessoalmente me interrogam sôbre as mesmas cousas. É comum o me fazerem perguntas como estas: gosta de lêr? Prefere a prosa ou a poe-

sia ? Tem escritores preferidos ? Há algum gênero de literatura que a agrade mais que os outros ? Gosta de revistas e de jornais ? Acompanha os programas de rádio ? Dança ? Pratica esportes ? Diverte-se em jogar ? Alimenta superstições ? Tem alguma côr favorita ? Prefere algum mês do ano e algum dia da semana ? Qual ou quais os seus trajes prediletos ? Gosta de pensar ? De ir ao cinema ? De dormir tarde ou cêdo ? De ficar sozinha ? De festas ? De pintura ? Fuma ? Sente vocação para o cinema ou para o bailado ? Gosta de viajar ? Aprecia a vida de campo ? Gosta de fazendas ? Gosta do sol e das chuvas ?

Devo dizer, preliminarmente, que sou muito grata a todos aqueles que me escrevem ou revelam qualquer interêsse por mim e minha carreira. As cartas que recebo proporcionam-me grande praser. Leio-as tôdas e sou sensível às demonstrações de simpatia e às palavras amaveis que elas me trazem.

Passo, então, a responder tôdas as perguntas já enumeradas.

Se gosto de lêr...

Gosto. Gosto muito. E de preferência os livros que nos ensinam alguma cousa da vida. Quase não leio romances,

mas há ocasiões em que adoro a poesia. Nos meus momentos de nostalgia é através os versos que me desprendo dos pensamentos tristes. Gosto da poesia como uma fuga do real, como uma evasão de mim para mim mesma. Então me despreocupo de tudo que me aborrece e me vejo num mundo bonito e cheio de ilusões. Os poetas são, como vê, os meus preferidos. Desde menina, gosto de Bilac. Agora tenho aquí, ao meu lado, um livro que abro de vez em quando: Os poemas de amor de Castro Alves. São versos que já li cem vezes, mas neles encontro sempre uma cousa nova tôda a vez que os leio de novo. O encantamento que nos produz esta ou aquela poesia depende do estado de alma em que nos encontramos na ocasião em que a lemos.

Se gosto de jornais e de revistas...

Eis uma pergunta que respondo com uma satisfação tôda especial. Minha vida e minha carreira acham-se ligadas estreitamente à imprensa. Sei o que devo aos jornais e às revistas. Possuo numerosos amigos jornalistas, amigos com os quais tenho contado sempre e aos quais sou imensamente grata. Os jornais foram gentilíssimos comnosco — eu e Ro-

sina — desde que a dupla se fundou. Nossos retratos saíam frequentemente em suas colunas. E entrevistas. E reportagens. E artigos e crônicas a nosso respeito. Agora mesmo, retornando à vida artística, após três anos e tanto de ausência, encontro de novo nas revistas e nos jornais aquela mesma simpatia generosa e acolhedora. Não tenho palavras com que agradecer à imprensa o que tem feito por mim.

Se acompanho os programas de rádio...

Deu-se comigo uma cousa curiosa e paradoxal, embora perfeitamente compreensível pela psicologia humana. Ao tempo da dupla, não acompanhava nenhum programa, nem estava ao par das novidades radiofônicas. Não havia tempo. Meu trabalho absorvia-me de tal modo que raramente ligava um rádio para ouvir alguma cousa. Mas quando deixei o microfone, a saudade era tanta e tamanha a falta que sentia do rádio, que notava dentro de mim uma cousa tão inesprimível que me desrecalcava ouvindo todos os programas e acompanhando tudo. Foi assim, por mais estranho que o pareça, que só depois que deixei o rádio, é que me tornei uma ouvinte assídua.

A dança...

Exerce uma fascinação sôbre mim. Quando danço, transporto-me logo, em pensamento, para o ambiente de onde vem a música. Se toca uma valsa, por exemplo, vejo-me em Viena, como nas fitas de cinema, num daqueles salões imensos dos tempos de Strauss, uma féerie de luzes, toiletes riquíssimas, uniformes muito elegantes. E eu alí dançando... Se toca uma rumba, eis-me em Cuba. Um fox lembra-me logo minha viagem à América. Danço um tango e é como se estivesse na Argentina. Assim, estou dançando e estou viajando, vivendo vários ambientes e personagens diversos. É uma fantasia de mulher romântica. Porque eu continúo sendo profundamente isto: sentimental e romanesca.

Os meus esportes...

Vamos devagarzinho e por partes. De modo geral gosto de todos os esportes: natação, tênis, equitação, ciclismo. Agora, em Copacabana, só ando de bicicleta e sinto uma pena enorme de não poder fazer a mesma cousa na cidade. Que explendido, se pudesse estar alí na Avenida, ou na rua do Ouvidor, fazendo as minhas compras de bicicleta... Mas acima

de tudo gosto de nadar. Nadar faz parte de minha vida. Eu e o mar somos dois amigos que nunca se deixam, nem se enfastiam um do outro. Deito-me sôbre as ondas e até parece que adormeço. As vagas amigas vão me levando insensivelmente para longe e não raro quando desperto de meus sonhos vejo que distância imensa já me separa da praia. É no mar e sôbre as ondas, nadando longe, quando tudo é incerto e inseguro, que eu penso nas cousas sérias da vida.

Se eu me divirto em jogar...

Um amigo disse-me uma vez que o meu jôgo favorito é brincar com o coração dos outros... Será isso mesmo? Não! Pelo contrário.

Sei jogar xadrez e pocker. Antigamente, na roleta, tinha três números prediletos: 14, 18 e zero. Nunca cheguei numa roleta que não jogasse o zero. Gostava dos vermelhos, dos pares e da segunda duzia. Mas devo dizer que o jôgo não me apaixona. Não sinto atração nenhuma por êle. Posso jogar por jogar, num grupo de amigos, para fazer companhia, ou fazer qualquer cousa diferente.

Se alimento superstições...

Nenhuma. Tenho na minha casa tudo o que dizem que dá azar. Sempre tive uma vontade irresistível de enfrentar as cousas que trazem pêso. Não uso mascote. Passo em baixo de tôdas as escadas. Abro guarda-chuva dentro de casa. Deixo os sapatos virados. Visto roupa pelo avesso. Quebro espelho e me olho nos estilhaços. A minha sorte é tão grande que nada pode vencê-la. A minha sorte é expansiva e extensiva porque é tanta que a transmito às próprias pessoas que se chegam para junto de mim. O brilho de minha estrela é uma realidade.

Minha côr predileta...

Sempre que me fazem essa pergunta, respondo que não tenho côres preferidas. Ocorre, porém, comigo uma cousa curiosa. Quando faço um vestido novo, não costumo rever os antigos. Mas lá vem um dia em que começo a passar em revista as minhas toiletes. E então me surpreendo: vejo cinco, seis vestidos verdes, quatro, cinco, azues, numa predominância visível dessas côres sôbre as demais. Será que eu gosto mais do verde e do azul, ou serão o verde e o azul que gostam mais de mim? Talvez seja isso. O verde e o azul sentem

atração por mim. Eu não. E isso que acontece com as côres, acontece também, em minha vida, com muitas outras cousas...

Se prefiro algum mês no ano e algum dia da semana...

Vou dizer. Gosto de janeiro. Porque? Não saberia explicá-lo bem. O 31 de dezembro é quase sempre um dia igual ao 1.º de janeiro. No entanto no dia 1.º de janeiro sinto-me sempre mais feliz, mais alegre, mais confiante. Acho que prefiro o janeiro pela ilusão que o Ano Novo traz à alma das criaturas humanas. No que se refere aos dias da semana, não tenho predileção, mas sei que detesto os domingos.

O meu traje predileto.

Minha resposta será talvez um pouco paradoxal. Mas a gente deve dizer o que sente, não é? A roupa foi inventada pela civilização. Houve motivos para isso e não entro nesse assunto. As roupas que eu mais gosto e em que me sinto mais eu mesma não são as minhas vestimentas mais caras, nem as mais luxuosas, nem as mais elegantes, nem as mais vistosas. Qual o quê! Nada disso. Que esperança! Gosto, sim, é do **maillot**! No **maillot** sinto-me bem em contacto com a natureza, com os cabelos soltos, os pés descalços, livre e de-

sembaraçada dentro de suas malhas. O "maillot" é que é o meu traje preferido. Quanto mais perto estou da natureza, melhor eu me sinto.

Se gosto de pensar...

Já recordei que, desde menina, desde os meus tempos de Imaculada Conceição, sempre gostei de pensar. É a verdade. Sempre vivi pensando. Penso em tudo. Penso profundamente sôbre a vida, sôbre a minha carreira, sôbre o que vejo, sôbre o que leio, sôbre as cousas que sinto. Talvez o meu mal seja pensar de mais, viver constantemente imersa em pensamentos profundos. O pensamento integra e completa a minha vida. É pelo pensamento que nos alteamos sôbre as tristezas e os desenganos da existência. Pelo pensamento ficamos gostando mais daquilo que queremos e que amamos.

A respeito do cinema devo dizer que é a minha diversão favorita. Estou sentada e estou vivendo outra vida. Geralmente num filme escolho entre os seus diversos personagens aquela que eu queria ser. E durante todo o tempo passo a viver a sua vida. Quando a luz acende, encontra-me ainda meio abstrata. Aos poucos vou retornando a mim mesma. Volto a ser Elvira Pagã.

Se gosto de dormir tarde ou dormir cedo...

Na verdade não tenho bem noção de hora. As horas dividem-se para mim em duas categorias: aquelas em que me sinto bem e as que não me são agradáveis. Essas últimas cada vez se tornam mais raras desde que evito sistematicamente tudo que possa me preocupar ou aborrecer. De modo geral entretanto não durmo senão quando a aurora vem nascendo e os primeiros raios do sol se refletem em meus espelhos. Será que isso não é dormir cedo? Agora uma cousa: gosto profundamente da noite, sobretudo dessas noites de luar imenso em que a gente vê a lua bem grande se refletindo nas águas do mar. Sou uma romântica incorrigível, uma sentimental que não se cansa nunca de ser lírica. Não há ninguem no mundo que goste mais da lua do que eu. Sou uma sua apaixonada. Sinto a atração de sua luz macia e as vezes é como se essa luz me tivesse possuido, atravessando-me o corpo inteiro. Contemplo o céu durante longo tempo, absorta em minhas meditações e me sentindo maravilhada. Tenho estrelas minhas conhecidas e quando chego à janela procuro-as com ância e com sofreguidão como se estivesse procurando o meu

amor. Ontem à noite procurei uma de minhas estrelas queridas. Não estava no céu. Não houve meio de encontrá-la. Fiquei triste e melancólica. Surpreendi-me fazendo a mim mesma esta pergunta : por onde será que ela anda ?

Se gosto de ficar sozinha...

A resposta é muito breve. Nunca me sinto só. Quando não há ninguem em torno de mim, há os meus pensamentos me rodeando.

Se gosto de festas...

Está subtendido que sim. Gosto de tudo que é alegria, vida, animação e entusiasmo. Gosto de tôdas as festas, seja um baile ou seja um pic-nic. Em cada modalidade de festa experimentamos uma emoção diferente. E a vida é bela pelas emoções que a gente sente.

A respeito de pintura vou fazer mais uma confidência ao público.

Quando me retirei da vida artística havia instantes em que me sentia prestes a desanimar e só mesmo pela fôrça de minha personalidade consegui atravessar êsse período sombrio de minha existência, que eu nem gosto de recordar. Procurei

então na pintura uma evasão, um meio de vencer a monotonia das horas e de dias que pareciam nunca mais acabar. Comecei a desenhar e a pintar. Sentia praser nisso. Fiz alguns desenhos e quadros que várias pessoas gostaram. Pintei entre outras cousas um retrato de Rosina. A pintura foi, assim, um instante de minha vida. Hoje tudo isso parece muito longe. Mas eu sei o que senti. E foi bom que tivesse passado pelo que passei e sentido o que senti para hoje poder achar a vida mais bela e cheia de atrativos.

Perguntam se eu fumo. Às vezes. Antigamente o fumo era privativo dos homens. Vedava-se à mulher até o direito de fumar. As mulheres eram em tudo e por tudo escravas dos homens, da sociedade, dos preconceitos e de tôdas as fórmulas vãs da hipocrisia. O homem podia fumar. A mulher, não. Era feio. Feio porque? Porque se decretou que era. Então a mulher fumava escondido, se apreciava o seu cigarro. Mas um a um todos os entraves que tornavam a mulher prisioneira vão sendo derrocados. É preciso que se saiba que a mulher é um ente humano como os homens. Não é possível que ela viva cheia de restrições e de proibições e que os homens te-

nham direito a tudo. Como se a vida tivesse sido feita apenas para goso dos homens.

Se eu gosto de viajar...

Adoro! Tenho a volupia de conhecer cousas novas, gente nova, novos ambientes. Como se sabe já trabalhei na Argentina, no Chile, no Perú e no Uruguai. Viajei também à América do Norte, de onde fui ao México, lugar em que me casei. Logo que a guerra terminar, espero realizar muitas viagens. Mas agora desejo conhecer as civilizações diferentes das nossas. Tenho grande vontade de ir à Índia, à China, ao Turquestão. Os lugares lendários e misteriosos exercem sôbre mim uma atração incrivel. Quero tirar o meu retrato junto às pirâmides do Egito. Desejo ir à Alexandria, ao Cairo, à Abissínia. Quero rever a minha imagem mirando-me nas águas do Nilo e do Mar Vermelho.

Se gosto de fazendas e se tinha geito para a vida de campo... Qual o quê!

Durante cerca de três anos que a mim se me afiguraram três séculos fui fazendeira por um dêsses acasos do destino e uma dessas tristesas da sorte. A vida em fazenda pode ser

uma cousa maravilhosa. Não discuto. Para mim a vida de fazenda estará sempre ligada a um momento tão triste de minha existência que procuro, por todos os modos, não me lembrar mais daquelas horas penosas em que eu olhava o céu e me sentia como que no cativeiro!

Vocês conhecem a história que foi a história de muitos caçadores de esmeraldas... Morriam de fome e de sêde trazendo consigo sacos de ouro. Ouro! De que lhes servia afinal aquêle ouro? Se não era do ouro que êles precisavam?

O ouro não dá felicidade a ninguem.

O ouro é uma ilusão.

Para que serve se ser uma milionária burguesa?

Dinheiro não me atrai. Não me atraiu nunca.

Amo a minha arte e quero ser uma criatura livre. Não depender de ninguem. Não estar sujeita a nenhuma pessoa. Fazer o que quiser.

Trocaria com praser todo dinheiro dêste mundo pelo direito de ser feliz.

E hoje eu digo e repito:

Jamais me prenderei a quem quer que seja.

Estou satisfeita quando trabalho, quando canto, quando leio as minhas poesias, quando tomo os meus banhos de mar, quando me contemplo nos meus espelhos, quando olho o céu e procuro a lua e as minhas estrelas queridas...

Meu amor é a minha arte e a minha liberdade.

2ª Parte

COMO NASCEU, VIVEU E DESAPARECEU A DUPLA MAIS FAMOSA DO RÁDIO BRASILEIRO

(Reportagem publicada na "Carioca")

1936.

A notícia publicada no jornal começava assim, com a maior simplicidade :

"Na semana passada o microfone da Rádio Cajutí foi tomado de assalto por duas jovens graciosas, que com um sentimento de verdadeiras artistas e com um fiozinho de voz do "outro mundo" passaram logo a interpretar sambas e marchas como se fossem gente grande".

Por que "como se fossem gente grande ?"

Rosina e Elvira eram apenas duas garotas. Ambas loiras. Uma de olhos verdes, outra de olhos escuros. Vestiam iguais. Tinham uma alegria única. Entravam na vida artística com um temperamento esportivo, despreocupadas e joviais, riso-

nhas e felizes, sem indagações a respeito do futuro. Cantavam como cantam nas árvores os passarinhos. Porque tinham vontade de cantar e sem saber por que estavam cantando.

Assim, como nos contos de fadas, começa a história da dupla mais famosa que teve, até hoje, o rádio brasileiro.

O aparecimento das duas jovens que, em breve, se tornariam amplamente conhecidas com o nome de Irmãs Pagãs, constituira uma sensação nos meios radiofônicos da Cidade Maravilhosa.

Pela primeira vez uma dupla ocupara o microfone.

Elas eram lindas e faziam uma coisa inteiramente nova.

Enchem o noticiário dos jornais.

As revistas pedem os seus retratos. Aparecem as primeiras entrevistas.

O interêsse estava despertado.

E a sorte da dupla estava lançada.

Uma noite, no "grill" do Copacabana, Elvira e Rosina surgem diante do público. Foi uma sensação!

Nessa época inaugura-se o casino de Campos. As Irmãs Pagãs são convidadas. Novo sucesso ruidoso. Os fluminenses

ficam fascinados com a beleza e a alegria daquelas duas garotas, tão meninas e cantando com tanta expressão e sentimento. Inaugura-se o "grill" do Automovel Clube e elas são as donas da festa.

Já no rádio não se fala em outra coisa que não sejam as Irmãs Pagãs. Em setembro inaugura-se em Belo Horizonte a Rádio Inconfidência. Elas são convidadas. Seguem para a capital mineira e outro sucesso ruidoso corôa os esforços da dupla. A "Folha de Minas" e outros jornais publicam longas reportagens sôbre Rosina e Elvira. Querem saber por que se chamam de Pagãs. Descobrem que, antes de cantar, elas se haviam formado como dactilógrafas e estenógrafas pela Escola Remington. Uma aura de romance envolve as duas figuras gentis. Rosina... Elvira... Elas estão absolutas no rádio brasileiro.

Regressam de Minas. Mas agora São Paulo chama por elas. São Paulo também deseja conhecer a dupla que de dia para dia se torna mais famosa. Então Elvira e Rosina fazem outra revelação sensacional: elas são paulistas. Paulistas da gema. Paulistas de Itararé. Um jornal de São Paulo dá o

"furo" em títulos rasgados: "Paulistas de Itararé! Elas estudaram samba na Cidade Maravilhosa".

Estreiam na Record.

Nova vitória da dupla.

Outra folha paulista abre os títulos: "As Irmãs Pagãs continuam a açambarcar os ouvintes de rádio nas estações".

E de fato: durante a estadia de Elvira e Rosina na capital paulista o público só se interessava por elas e pelos seus programas.

Santos reclama-as.

A dupla canta com o mesmo êxito no Teatro Guarani daquela cidade.

Nunca se vira em nosso "broadcasting" um sucesso tão rápido. Elvira e Rosina não têm diretores, nem empresários, nem ensaiadores, nem gente importante pedindo por elas. Voltam ao Rio, trazendo ainda nos ouvidos o ruido dos aplausos, e já um novo convite as espera: o Rio Grande do Sul deseja conhecer as Irmãs Pagãs!

Veja-se a rapidez de tudo isso: 5 de setembro: Belo Horizonte. 9 de setembro: São Paulo, 18 de setembro: Santos. Agora, 26 de outubro: Pôrto Alegre!

Inaugura-se a nova fase da Rádio Difusora e a dupla canta para os gaúchos as suas últimas novidades : Não bebas tanto assim, Não precisa pagar, Gato Escondido...

O "Diário de Notícias" de Pôrto Alegre, entrevista as Pagãs. Elas dizem :

— Iniciamos a nossa vida artística apenas há um ano, pois foi em outubro que cantamos pela primeira vez no palco do Tijuca Tênis Clube.

No dia seguinte, quando vão sair do hotel, aguardava-as uma surpresa alegre: numerosos estudantes invadiram o "hall" e fazendo versos e cantando e gritando e batendo palmas queriam ver de perto as duas loirinhas tentadoras.

Cantam no Casino Farroupilha. Agrado absoluto. Em dezembro estreiam na Urca. Então, com surpresa geral, inclusive delas mesmas, divulga-se a notícia :

— A Argentina quer conhecer de perto as Irmãs Pagãs !

A 10 de junho de 1937 lá seguem elas para Buenos Aires. Cantam no Teatro Municipal, na Rádio Belgrano, no Teatro Casino. Tôda a imprensa de Buenos Aires registra com destaque a chegada das artistas brasileiras. "Antena" abre a pá-

gina inteira: "Las hermanas Pagás traem otra expresion del arte brasileña". A "Sintonia" regista: "Una transmission sin precedentes". O jornal diário "A Hora" lança uma "manchette": "Triunfan las hermanas Pagás". O sucesso que elas alcançam é tão grande que dois cômicos argentinos dos mais populares de Buenos Aires, Albert Anchart e Severo Fernandez, fazem um número de imitação na revista em cena no Teatro Casino. Um aparece vestido de Rosina e o outro, vestido de Elvira.

A "Sintonia", em seu número de 29 de julho de 1937, consagra a sua principal reportagem ao estranho êxito da dupla. "Gracia carioca, rosas del tropico", é assim que chama as Pagãs. E ainda: "Las hermosas Hermanas Pagás, representantes de las canciones brasileñas, triunfan en el Casino e en la onda del Rádio Municipal".

Elas, porém, são tão jovens, que a sua juventude embaraça-as. Para mostrar que têm a idade que alegam, precisam andar de passaporte e certidões de nascimento dentro de suas bolsas.

Outra revista portenha publica retratos diversos das jovens artistas brasileiras com esta legenda expressiva: "Las

hermanas Pagás, el murmulo humanisado de la bahia de Copacabana".

Vão a Cordoba e deixam uma impressão magnífica.

Agora, depois de tanto êxito, aprestam-se para regressar ao Brasil.

Regressar? Ah! Isto não!

O eco de seus sucessos ultrapassa a fronteira argentina.

Chovem os convites e os contratos.

Rosina e Elvira não poderão voltar tão cedo.

Seguem para o Chile afim de atuarem no Teatro Caupolican. E de Santiago vão para o Perú. Em Lima cantam no Teatro Municipal. No dia de sua estréia, aviões jogavam na cidade lindos retratos das duas encantadoras jovens. Cartazes imensos cobriam as ruas da cidade.

Aquilo parecia um sonho!

Que rapidez vertiginosa!

Sucesso no Rio de Janeiro, sucesso em Campos, sucesso em Belo Horizonte, sucesso em São Paulo, sucesso em Santos, sucesso em Pôrto Alegre!

E sem parar: Buenos Aires: sucesso! Cordoba: sucesso! Santiago: sucesso! Lima: sucesso!

Era inédito no rádio brasileiro.

A 5 de janeiro de 1938 as Irmãs Pagãs retornavam ao Rio e "O Globo" registava :

"Trazem ao Brasil as canções de outras terras. De regresso de sua "tournée" chegaram hoje as Irmãs Pagãs. Sucesso em três países da América".

Chegam ao Rio e não descansam.

Convites. Contratos. Pedidos.

"O Malho" publica, então, esta nota pitoresca :

"Duas coisas o público ainda não conseguiu saber em torno das Irmãs Pagãs : qual delas canta melhor e qual é a mais bonita. A primeira dessas coisas é difícil de dizer, visto que as duas cantam ao mesmo tempo. Mas a segunda ainda é mais difícil. Há fans de Elvira e de Rosina, que discutem com ardor e não chegam a um resultado, cada qual puxando a brasa para a sua sardinha. O público, porém continua na dúvida".

Em abril de 38, a dupla torna a São Paulo. A Record apresenta as Pagãs dizendo com verdade: "São as artistas brasileiras mais disputadas da América do Sul".

E elas vão de novo a Santos. E vão de novo a Buenos Aires. Sempre recebidas com carinho, com agrado, com elogios imensos. O Uruguai deseja também conhecê-las. Elvira e Rosina transportam-se a Montevidéu onde atuam no Cine Ambassador e na Rádio Carve. "La Potencia" regista: "Dos muñecas cariocas nos dijeron con sus canciones el dolor e alegria del pais del norte".

No Carnaval de 1939 as Irmãs Pagãs, de novo no Rio, tomam conta da festa. Só se dança e só se canta "Não te dou a chupeta". É um delírio.

A 4 de junho de 1939 faz-se no Brasil, com a presença do Presidente Getúlio Vargas, a primeira experiência de televisão. Elvira e Rosina são as artistas escolhidas para essa nota de sensação.

Novas "tournées". Novos aplausos do público. O cinema procura as Irmãs Pagãs e elas se apresentam, sob a nova modalidade de "estrelas" cinematográficas, diante de seus milhares de fans em todo país.

. . . . . .

A 13 de junho de 1940 o público do Rio de Janeiro é surpreendido com a mais esquisita das notícias. Trata-se de uma

reportagem publicada na "Carioca" sob o título surpreendente: "A dupla vai se separar?"

A nova é tão inesperada e tão absurda que ninguem acredita. Dizem uns: isso é blague. Dizem outros: é propaganda. Pois será possível que, assim de repente, e no auge do sucesso, desapareça a maior sensação do rádio brasileiro?

Mas a notícia toma vulto. O boato torna-se mais insistente. Elvira e Rosina andam arredias das estações. Não querem mais fazer nenhum contrato. Não aceitam convites. Recusam as ofertas mais vantajosas. Que haverá?

Um dia o "Jornal das Moças" surge com estas duas linhas:

"Que pena! Elvira Cozzolino vai se casar..."

A dupla estava de fato dissolvida!

Algum tempo depois a "Carioca" anunciava aos seus leitores: Rosina Pagã aparecerá, dentro em pouco, no microfone da Rádio Nacional. Não há mais a dupla das Irmãs Pagãs. Há Rosina Pagã, cantando sozinha.

. . . . . .

Como o tempo passa depressa e como são as coisas nesta vida! E ainda uma vez aquela frase: Parece um sonho!

Durante três anos e tanto não se fala mais em Elvira. Aquela jovem espiritual, cheia de encantos, maravilhosa de beleza, desaparecera completamente do cartaz.

Mas a 5 de janeiro dêste ano a "Carioca" reaparecia com o retrato de Elvira na capa e uma reportagem sensacional:

"Em mim, a Arte venceu o amor! Minha vida é um romance. Onde termina o sonho e onde começa a realidade. Tudo que não me agradou, eu esquecí!"

Elvira dizia adiante: "Reencontrei-me. Readquiri minha personalidade. Nada pôde acabar com ela".

E mais: "Há uma coisa em mim mais forte do que tudo: é a minha espiritualidade. Não posso compreender a existência sem uma finalidade de beleza e de arte".

Elvira Pagã decidira voltar ao cenário de seus triunfos!

. . . . . .

A história da dupla está terminada. Não existe, nem existirá mais, a dupla das Irmãs Pagãs. Ela pertence ao passado e à história do rádio brasileiro. Há agora as duas Pagãs isoladas, seguindo estradas distintas e paralelas. Ambas deixaram igualmente de ser loiras. Não se vestem mais iguais.

São inteiramente diversas uma da outra. Rosina, sozinha, obteve êstes três anos grandes sucessos. Chegou a vez de Elvira afirmar a sua individualidade. Sua "estrela" acompanhará sua carreira. Ela não é mais aquela menina travessa de 1936. Tornou-se uma jovem cheia de encantos e de atrativos. Está hoje muito mais bonita. Suas expressões de fisionomia adquiriram forma definida. Está mais segura de si mesma. Com o seu sorriso encantador, não encontrará obstáculos. De novo ela vê pela frente o sol que anuncia a vitória.

"EM MIM, A ARTE VENCEU O AMÔR"

(Reportagem publicada na "Carioca")

O ano de 1944 começa com a notícia mais sensacional que poderia aparecer nos nossos meios artísticos: a ressurreição de Elvira Pagã.

A dupla das Irmãs Pagãs foi a mais notavel que até hoje se formou no Brasil.

Marcou uma época.

Centenas de milhares de ouvintes, por essa vastidão brasileira, aguardavam, com sofreguidão, nos seus aparelhos radiofônicos, os números da dupla.

Rosina e Elvira foram as primeiras artistas que tiveram a maior legião de "fans" no Brasil.

Cantaram em público, aplaudidíssimas.

Foram à Argentina e nunca nenhum elemento brasileiro

obteve alí tanto sucesso. Um dia quando menos se esperava, circulou a notícia em que ninguem queria acreditar:

— Dissolveu-se a dupla !

Coisas da vida.

Rosina sozinha voltou ao microfone. Iniciou por si mesma uma nova etapa de sua carreira. Foi feliz porque venceu.

Hoje, com não menor surpresa, chega ao público a outra notícia: após três anos de ausência, mas sentindo ainda nos ouvidos o som dos aplausos entusiásticos das multidões, Elvira vai fazer a sua monumental reaparição.

Teremos a dupla novamente ?

Não.

Teremos Elvira sozinha em todo o esplendor e em tôda a exuberância de sua beleza extraordinária.

Ela realiza bem aquele tipo de princesa oriental : formosa e enigmática, estranha e misteriosa, a mulher cheia de fascinação que ninguem entende e ninguem compreende. Existe nessa figura romântica e lírica alguma coisa do mar e das ondas, das espumas e das tempestades.

Seu pensamento é indevassavel.

Seus desejos e seus anseios são impenetráveis.

A decifração de sua personalidade é um enigma.

Para onde vai? E o que é que quer?

Ela respondeu perguntas com sorrisos.

Sua alma não se abre.

Seu coração está sempre escondido.

A volta de Elvira Pagã à vida artística é tão surpreendente quanto o seu afastamento.

Apenas, em tudo isso, em todo êsse romance, há uma coisa certa: ela vencerá.

Elvira nasceu sob o signo do triunfo.

Daquí a algum tempo, quando estiver recebendo novamente os aplausos do público, há de se surpreender a si mesma, perguntando a si própria: Onde estive? Por onde andei? Onde termina o sonho e onde começa a realidade? Será que eu mesma não sou eu? Mudei? Operou-se em mim qualquer transformação?

O passado há de parecer-lhe uma coisa muito longínqua, assim como a vista que a gente tem quando viaja a bordo de um grande transatlântico e a terra vai se sumindo distante na neblina...

Elvira acorda realmente de um sonho.

Agora a vida se abre em seu derredor com tôda a fôrça da própria vida.

Ela falou assim :

— Minha vida é um romance.

E sorriu maravilhosamente.

Depois continuou :

— Há uma coisa em mim mais forte do que tudo: é a minha espiritualidade. Não posso compreender a existência sem uma finalidade de beleza e de arte. Mais de uma vez, durante a minha ausência, esquecia-me das coisas e me interrogava: mas eu sou eu ? Hoje posso responder : Eu sou eu. Reencontrei-me . Readquiri minha personalidade. Nada pôde acabar com ela.

Elvira tem a finura das Eleonoras Duses e das Isidoras Duncans.

Nasceu para ser querida, mas nasceu para ser sòmente de si própria.

Não pode pertencer senão à sua arte e aos seus ideais.

Não nos quís dizer, com pormenores, os seus projètos.

Sorriu outra vez.

Disse apenas :

— Voltei !

E acrescentou :

— Só quero ter lembrança para as coisas boas. Tudo que não me agradou, eu esqueci.

Elvira Pagã voltará, dentro de breves dias, à sua plenitude.

É hoje ainda mais bonita do que ontem.

Fará sucessos muito maiores.

Vai vencer sozinha com a sua "estrela" maravilhosa.

À saída e baixinho seus lábios se entreabiram numa confissão :

— Em mim, a arte venceu o amor !

A REAPARIÇÃO DE ELVIRA

(Reportagem publicada na imprensa)

Há quatro meses, "Carioca" dava aos seus leitores a notícia de sensação em que, a princípio, ninguém queria acreditar : em Elvira Pagã a arte vencera o amor. Após três anos e tanto de ausência, ela resolvera tornar à vida artística.

Durante todo êsse tempo fizeram-se as conjecturas mais variadas. Que a dupla das Irmãs Pagãs não se reconstituiria, isso foi logo, desde o primeiro dia, anunciado. Como então reapareceria Elvira ? Em casino ? No rádio ? Cantando samba ou cantando músicas finas ?

As interrogações andavam no ar, sem resposta. Porque Elvira, enigmática, não dizia nada. Só dizia que estava decidida a voltar às suas atividades artísticas.

Afinal, Elvira Pagã reapareceu.

Sem pressa, preparou o seu repertório. Viu bem o que lhe convinha e o que não lhe servia. Quando se julgou em condições de estrear, estreou. A sua "rentrée" foi o sucesso que tôda a imprensa registou. Em nossos meios artísticos e sociais não se falou em outra coisa. Nenhuma apresentação foi tão ansiosamente esperada e comentada. E o melhor de tudo: Elvira excedeu a tôda expectativa. De tão maravilhosa que se mostrou:

É a noite da estréia.

A sala está repleta.....

Jornalistas, intelectuais, artistas, gente da sociedade, diplomatas, figuras de destaque no mundo político e social, ocupam as mesas.

Nota-se um movimento desusado.

Alguem chega e pergunta surpreso:

— Mas que há hoje por aquí?

— Você não sabe? Estréia Elvira Pagã!

— Ah!...

Dez e meia em ponto a luz escurece.

Há nervosismo no auditório.

O "speaker" chega ao microfone e anuncia:

— A mais bonita das cantoras brasileiras vai se apresentar diante do público em cinco personalidades diferentes.

Um segundo de silêncio.

A orquestra começa a tocar de mansinho.

Corre a cortina. Elvira ainda não apareceu. Sobe a primeira tela transparente. E depois a segunda. E depois a terceira. Os refletores focalizam a heroina da noite. Elvira é uma sinfonia de branco. Traz uma linda "toilette" de tule de seda, com quarenta metros de roda. Na cabeça um véu tambem de tule. Saia com ruches e laços de veludo. Tudo alvo. E a fisionomia de uma beleza resplandente.

Começa a cantar.

A voz melodiosa, suave, de uma doçura envolvente desce sôbre a sala.

Ah! eu queria um ranchinho na lua

Feito de sonho, cheio de alegria!

É uma canção folclórica de Babi de Oliveira. Um mimo de música com uma letra muito expressiva.

Todos os olhares estão na cantora. Ela faz a sua prece à lua:

Dindinha lua, querida,

Traz alegria p'ra mim.

Nota-se já, nos semblantes, essa impressão de agrado que ninguem pode dissimular.

Dindinha lua responde :

É grande pecado amar ?

Elvira canta com uma voz deliciosa. O êxito está garantido.

E quando a lua fôr cheia.

Vou pedir só por nós dois.

Eu nada quero pedir.

À lua que vem depois...

E ela continúa, radiosa, cheia de graça :

Ah! eu queria

Um ranchinho na lua,

Um ranchinho na lua !...

Os aplausos surgem de todos os lados. O pano desce. Ouvem-se os primeiros comentários :

— Extraordinária !

— Com que expressão ela cantou !

— Como Elvira está bem!

O "speaker" anuncia, agora, o segundo número. Outra Elvira surge, então, diante da sala. Vai cantar um samba: "Farrapo humano", de Pereira Matos.

Temos diante de nós uma granfina elegante, em seu vestido de gase chifon verde alface com bordado de pailleté e vidrilhos dourados, brincos e anel de topázio, sandálias de ouro.

Um mendigo pede-lhe uma esmola. Ela olha e tem um sobressalto. Misérias da vida... Aquele homem que agora lhe estendia humildemente a mão fora, outrora, rico e orgulhoso. Ela o amara com tôda sua paixão. Foi desprezada. O homem que desdenhoso lhe recusara o amor, implorava-lhe hoje a caridade.

Ó farrapo humano
Toma um níquel de tostão.
Pois neste mundo
Só há ilusão.

"Farrapo Humano" é um samba mais declamado do que cantado, estilo novo lançado por Elvira. Nesse samba dramático ela revela um grande poder de expressão e de comunicabilidade.

— E agora?

— "Samburá", de Gadé e Walfrido Silva.

A dama elegante tornou-se uma graciosa vendedora de Samburá. Não se parece nada com a Elvira que pouco antes saiu de cena. Traz uma fantasia tôda branca de renda, setim e organdi suíço. Colares de pérola. Sandália de renda, prateada. Desenho feito especialmente por Júlio Sena. Remontamos ao tempo de nossos avós. No fundo da cena "Os namorados da lua". Elvira é a vendedora que vai ao mercado com o seu samburá. Vende tudo barato. Mas há tambem os fregueses que desejam comprar o seu coração...

Não regateia, meu nêgo.

Não pega na minha mão.

Novo sucesso. Novos aplausos.

Mas o "show" ainda não terminou. Faltam dois números. A artista realiza um verdadeiro prodígio de rapidez, saindo de cena, mudando o vestido e tornando outra vez.

Abre de novo a cortina. Ei-la de preto. Toilette coleante, tôda de vidrilho. No colo um lindo medalhão mexicano de turqueza e prata. Um magnífico manteau de renda preto co-

bre-lhe a cabeça. Temos agora diante de nós a mulher fatal, desencadeadora de paixões e amores violentos, a mulher que faz com que os homens se apaixonem por ela só pelo prazer satânico de os ver sofrendo. Elvira canta o bolero de Gabriel Ruiz, "Jamas". Sua fisionomia toma acentos inexprimíveis. Sua pronúncia em castelhano é tão segura que se diria uma argentina, uruguaia ou mexicana. Canta boleros e canções como uma Elvira Rios, ou uma Adelina Garcia. É aplaudida entusiàsticamente. Pedem bis. Ela vacila. O público insiste. Elvira canta outro bolero : "Três palavras".

Agora, o número final.

A assistência está admirada de ver como ela se transfigura em cada cena. Sucesso na canção. Sucesso no samba. Sucesso no bolero. O último quadro representa uma escrava que convida os negros a esquecerem um pouco as suas tristezas entrando no samba. Elvira aparece-nos numa baiana estilizada: saia estampada em côres, saia de baixo tôda de renda. Blusa de organdí suíço. Colares e pulseiras de prata. O samba da autoria de Ciro de Souza intitula-se "Quando a noite vem descendo". Elvira canta :

Larga esta enxada
Apanha o pandeiro
Vem pr'o terreiro
Está na hora do samba começar.

Palmas. Elogios rasgados em tôdas as mesas. O palco enche-se de "corbeilles" de flores.

Assim fez Elvira Pagã a sua "rentrée", uma "rentrée" que tanto tem dado o que falar. A impressão geral é que sua estréia não poderia ter sido mais feliz. Mostrou-se cantora e artista. Mostrou que é capaz de triunfar em qualquer gênero; canção, bolero, marcha, samba. É admiravel na música fina e cheia igualmente de encantos na música popular. A Elvira, da dupla das Irmãs Pagãs, pertence ao passado. A Elvira de hoje é muito mais encantadora. É uma individualidade que se afirma com segurança absoluta. Em qualquer país do mundo, Elvira fará sucesso. É um motivo de orgulho para nós possuirmos uma artista da sua linha, onde tudo se conjuga harmoniosamente : a beleza, a distinção, a elegância, o encanto, a finura de trato e todos os resplendores da arte.

Conceitos sôbre Elvira Pagã

DE MARIARTE, "A Manhã", de 3 de junho de 1944.

"A sua estréia foi o começo de um novo triunfo. As manifestações do público, os aplausos e ao final do último número as "corbeilles" que lhe foram oferecidas, revelam o aprêço em que é tida no nosso meio social e artístico a graciosa estrêla patrícia." "Registramos aquí a nossa excelente impressão da temporada de Elvira Pagã, impressão que nos deixou a sua estréia sensacional, inscrevendo-nos ao mesmo tempo entre os seus admiradores."

DE JACK, "A Noite", de 2 de junho de 1944.

"A estréia, ontem, de Elvira Pagã, foi mais que um grande sucesso. Ela constituiu, na verdade, um acontecimento social e artístico, levando ao "grill" a assistência mais seleta que se tem visto ultimamente em um cassino."

"Ela veiu dar as provas de que se acha em condições de satisfazer as platéias mais exigentes e os gostos mais diversos, cantando vários gêneros. Por isso cantou a música fina, cantou o samba, cantou o bolero, deixando atônitos e maravilhados os espectadores. "Qualquer um dos seus cinco números bastaria para consagrá-la. Foi um sucesso integral."

"DIÁRIO DA NOITE", de 2 de junho de 1944.

"Quanta vida, quanto amor, quanta paixão implacável viveu na sua voz! Às vêzes alta, cantando! Às vezes grave, chamando, perdoando, condenando..."

"E quando os olhos sonolentos do refletor se fecham, Elvira Pagã fica uma sombra esguia e longa deante do palco, a gente guarda a presença da vida nos últimos écos da canção que morreu."

DE JOE AND JOE, "Correio da Noite", de 2 de junho de 1944.

"Sua voz agrada. Canta com certa expressão. Deve interpretar coisas românticas, já que o seu temperamento se dá muito bem com êsse gênero. "Ranchinho na Lua" e os dois boleros são atestados de nossa assertiva."

"Mas nem há dúvida, meus amigos. Claro que fomos ontem, ao Atlântico. Como iamos deixar sem a nossa presença a estréia de Elvira Pagã ?"

DE FREDDY, "O Jornal", de 3 de junho de 1944.

"Há muita gente no "grill-room" do pôsto 6. Falam-se várias línguas. Conversa-se em francês, inglês, português, espanhol. Mas principalmente em português. Espera-se a estréia de Elvira Pagã".

"A MANHÃ", de 6 de junho de 1944.

"O sucesso de Elvira fez esquecer a sua ausência tão prolongada. E assim como ela deixou bruscamente a corôa de rainha de nossa música popular, com surprêsa geral de todos os seus "fans", assim também, bruscamente, retomou o seu lugar, construindo o seu ranchinho, não na lua, mas no coração de quantos a ouviram na noite inaugural de sua temporada atlântica."

"VITRINA", de junho de 1944.

"Elvira Pagã havia deixado o palco. Vivia na alta roda social, como figura de primeiro plano, cercada de todo conforto, gosando todos os prazeres da vida. Tinha-

se como certo e definitivo êsse divórcio com a arte, com o público, com as platéias entusiásticas, com os ouvintes de todo país que, junto ao rádio, gosavam também da emoção delicada de seu talento."

"Voltou com o mesmo "glamour", o mesmo charme, a mesma voz."

"A volta de Elvira Pagã foi um acontecimento verdadeiramente emocionante e veiu dar maior explendência às noites deslumbrantes da "boite" do pôsto seis, onde parece que o sonho, a poesia e a música se confundem na imagem inatingível da beleza e da arte."

DE "BRASIL-REPORTAGENS" de junho de 1944.

"Possuindo uma voz bonita e agradável Elvira Pagã impressiona. Ela põe em seu canto tôda a sua alma e por isso mesmo os efeitos que produz no ânimo dos ouvintes são intensos. Cantando ela procura interpretar todos os sentimentos, sejam os de dôr, sejam os de alegria."

DO "CRUZEIRO" de 10 de junho de 1944.

"Elvira Pagã só pela luminosa presença bastava para arrebatar os mais duros inimigos das cousas belas. Mas quando canta, ninguém mesmo os ciliciados em aventuras tormentosas, consegue afastar-se de sua magia, deixando-se arrastar na corrente invencível de suas interpretações."

DE "CARETA" de 20 de maio de 1944.

"Agora, Elvira Pagã está encantando os seus fãs com a sua voz tão harmoniosa, tão suave, tão bonita."

DE "VAMOS LER" de 15 de junho de 1944.

"Tôda gente fala no reaparecimento de Elvira Pagã e no sucesso que ela está alcançando."

DO "DIÁRIO CARIOCA" de 15 de junho de 1944.

"Luz, côr e harmonia: porcelana delicada e rara com movimentos de cisne; o irreal feito real; ficção transformada em a quem Deus deu vida; poema de carne; mulher; a figura de Elvira Pagã é uma festa permanente para os nossos olhos gulosos e os nossos sentimentos sequiosos de perfeição.

"Se a sua figura é uma festa para o nosso olhar, a sua voz quente, de ondulações maviosas, é um encanto para os nossos ouvidos. Penetra-nos o ser e vai, de mansinho, com a suavidade da mais suave carícia encher-nos de intensas vibrações, fazendo-nos descobrir novos mundos em nosso mundo interior."

DA "FOLHA CARIOCA" de 6 de junho de 1944.

"Elvira Pagã continúa com sucesso a sua nova temporada. Depois de um longo afastamento da ribalta e do rádio, a estrêla reapareceu para satisfação de seus fãs, já saudosos."

DA "NOITE ILUSTRADA" de 20 de junho de 1944.

"Há muito não se verificava entre nós uma estréia tão ruidosa. E isso é apenas o começo de novos triunfos que a cantora brasileira alcançará certamente na sua brilhante trajetória artística."

ÍNDICE

Meus leitores 5

Primeira Parte 7

2.ª Parte

Como nasceu, viveu e desapareceu a dupla 39

"Em mim a arte venceu o amor" 51

A reaparição de Elvira 57

Conceitos sôbre Elvira Pagã 65

GRÁFICA GUARANY LTDA.
Av. Henrique Valladares, 145